



Além da edição impressa, as notícias do Agronegócio são publicadas diariamente no site do JC. Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse.  
www.jornaldocomercio.com/agro



# Mercado de arroz trava com preços aviltados

Safra gaúcha deve superar 7,7 milhões de toneladas, enquanto estoques elevados e exportações fracas pressionam o setor

Claudio Medaglia  
claudiom@jcrs.com.br

A safra de arroz 2025/2026 no Rio Grande do Sul se encaminha para o final com bom desempenho no campo, mas encontra um ambiente de mercado adverso, marcado por preços abaixo do custo de produção, exportações enfraquecidas e elevado volume de estoques.

A colheita alcançou cerca de 70% da área semeada, equivalente a 614,4 mil hectares, segundo o Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga). O ritmo é ligeiramente inferior ao do ano passado e indica a entrada da safra na reta final.

As regiões da Planície Costeira Externa e da Zona Sul lideram os trabalhos, enquanto parte das lavouras ainda enfrenta excesso de chuvas, especialmente no sul do Estado, o que pode afetar o rendimento nas áreas ainda por colher.

Apesar disso, a produtividade média estadual segue dentro do esperado. A projeção é de que o índice final fique acima de 8,7 mil quilos por hectare, com produção estimada entre 7,7 milhões e 7,8 milhões de toneladas.

Para o presidente do Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga), Alexandre Velho, os números da safra refletem desempenho positivo, ainda que com possibilidade de ajustes na reta final. "Cada ano tem suas características cli-

máticas, porém, nos 30% que faltam colher, possivelmente teremos uma queda nos números de produtividade em todas as seis regiões arrozeiras", afirma.

A avaliação vai ao encontro do que aponta o analista de arroz da Safras & Mercado, Evandro Silva. "O produto tem qualidade muito boa e a produtividade está dentro do esperado. Pode haver perdas pontuais, mas, na média, a safra se confirma", diz.

Se no campo o cenário é considerado positivo, o ambiente de mercado segue mais desafiador. Um dos principais fatores de pressão é o elevado volume de estoques de passagem, que amplia a oferta disponível no momento de entrada da nova safra.

Segundo Silva, o produtor tem reduzido o ritmo de comercialização diante de preços abaixo do custo de produção, estimado entre R\$ 75 e R\$ 90 por saca. As cotações giram entre R\$ 60 e R\$ 62 na Fronteira Oeste e entre R\$ 65 e R\$ 70 no litoral, para produto de melhor qualidade.

O analista relata que os produtores têm optado por reter a oferta, buscando pequenas valorizações, mas avalia que a estratégia envolve riscos. "É uma estratégia perigosa. O primeiro semestre é o nosso espaço", afirma, ao destacar a perda de oportunidades recentes.

A desaceleração das exporta-

ções reforça esse cenário. Embora os embarques do primeiro trimestre tenham sido elevados, os volumes refletem negócios fechados anteriormente. "Em março praticamente não tivemos novos contratos. O mercado botou o pé no freio", diz.

No mercado internacional, o cenário permanece pressionado. Dados do USDA indicam oferta global superior à demanda, com estoques elevados e produção robusta, especialmente na Ásia. "O mundo ainda tem mais oferta do que demanda. Isso mantém os preços pressionados", resume Silva.

O primeiro semestre é considerado estratégico para as exportações do Mercosul. A partir da segunda metade do ano, a entrada das safras dos Estados Unidos e da Ásia tende a ampliar a concorrência. Por outro lado, a redução de área superior a 20% nos Estados Unidos pode trazer algum suporte aos preços. "Estados Unidos colhendo menos, uma menor pressão de oferta e tendência de preços mais altos lá fora, o que pode melhorar a competitividade do Brasil", afirma o analista.

No ambiente interno, o setor também convive com incertezas nas políticas de apoio. Os leilões de PEP e Pepro, anunciados em fevereiro, foram autorizados, mas ainda não tiveram operacionalização efetiva.



GELSON FACIONI/IRGA/DIVULGAÇÃO/JC

Produtividade deve cair nos 30% de área que ainda serão colhidos

Segundo o presidente da Federação das Associações de Arrozeiros do Rio Grande do Sul, Denis Dias Nunes, a ausência de recursos ainda impede o avanço dos mecanismos. "Saiu a portaria autorizando, mas não temos ainda a liberação do orçamento para os editais do leilão", afirma.

Para o dirigente, mesmo com esses instrumentos, o cenário exige foco na demanda externa. "Os PEP/Pepro têm como objetivo estimular o escoamento da produção, assegurando um preço mínimo no local de origem, o que, com a atual redução da produtividade, ainda não se mostra suficiente para nós", diz.

Ele acrescenta que a estratégia do setor deve priorizar a exporta-

ção para reduzir os estoques e melhorar as condições de mercado. "É fundamental que nos dediquemos à exportação para reduzir os grandes estoques brasileiros", afirma. "Aqueles que necessitam gerar receita neste semestre devem focar na exportação, visando melhorar nos preços no segundo semestre, contando também com a diminuição da produção nos Estados Unidos."

Com isso, o mercado opera em compasso de espera, em meio a uma safra volumosa, estoques elevados e incertezas sobre a demanda. O desafio passa a ser a gestão da comercialização ao longo de 2026, em um ambiente ainda marcado por pressão sobre os preços e forte concorrência internacional.

## Em 7º levantamento, Conab mantém recorde para a safra nacional em 2025/2026

A produção de grãos na safra 2025/2026 pode alcançar 356,34 milhões de toneladas, o que corresponde a um aumento de 1,2% (4,08 milhões de t a mais) em comparação com o ciclo anterior. O resultado é 0,8% (2,90 milhões de t) maior ante a estimativa do mês

passado, informou a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), em seu sétimo levantamento sobre a safra 2025/2026. Caso o resultado se confirme, este será um novo recorde no volume a ser colhido pelos produtores brasileiros.

A área semeada no atual ci-

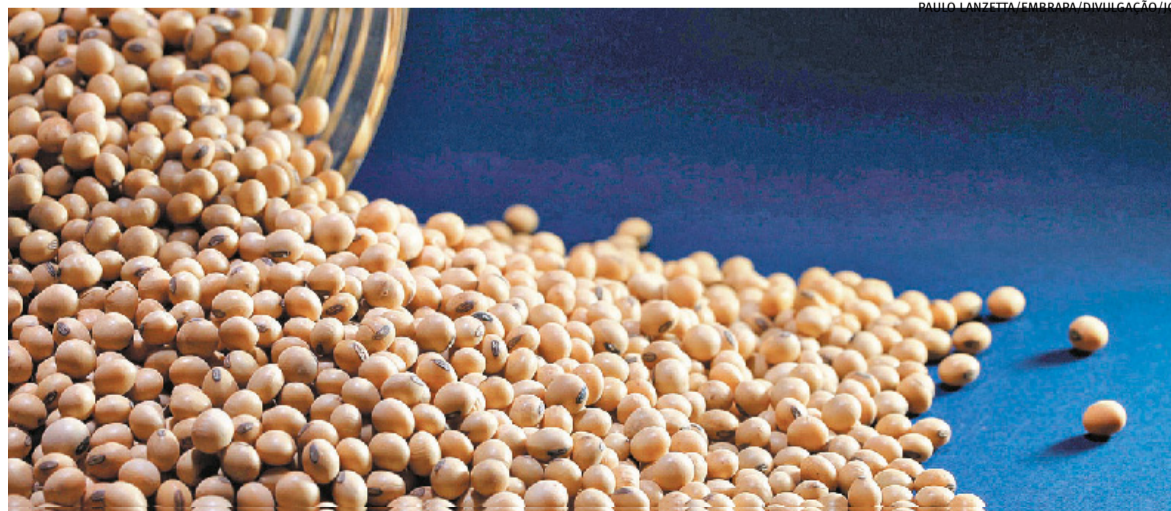
clo deve registrar um crescimento de 2%, projetada em 83,3 milhões de hectares, enquanto que a produtividade deve sair de 4.310 quilos por hectares na safra passada para 4.276 quilos por hectares no ano safra 2025/26. "Mesmo com a redução prevista de 0,8%, este é o

segundo melhor desempenho médio nacional já registrado pela série histórica da companhia", destacou a Conab.

A produção de soja deve ser recorde, estimada em 179,15 milhões de toneladas, aumento de 4,5% ante 2024/25 (171,48 milhões de t). A redução das precipitações em março garantiu melhores condições de campo para que a colheita pudesse evoluir, chegando a 85,7% da área, informou a Conab. Mesmo com importantes estados produtores de soja apresentando um desempenho médio inferior ao registrado no ciclo passado, a produtividade média nacional das lavouras da oleaginosa foi a melhor já registrada, projetadas neste ciclo em 3.696 quilos por hectares.

Para o milho, segundo cultura mais cultivada no País, a Conab espera uma produção total de 139,57 milhões de toneladas,

representando recuo de 1,1% em relação ao ciclo anterior (141,16 milhões de t). Enquanto que o cultivo da primeira safra do grão registrou uma elevação na área, estimada em 4,1 milhões de hectares, refletindo em uma alta da produção, podendo chegar a 27,97 milhões de toneladas; na segunda safra do cereal a colheita está prevista em 109,12 milhões de toneladas, redução de 3,6% em relação ao volume obtido na temporada 2024/25. A semeadura do segundo ciclo do milho está em fase conclusiva. Também é esperada uma menor produção de arroz. Na atual safra, a produção está estimada em 11,11 milhões de toneladas, 12,9% inferior ao volume produzido na safra passada, esse resultado é atribuído, sobretudo, à redução de 13,1% na área de plantio, aliada às condições climáticas menos favoráveis em algumas lavouras.



PAULO LANZETTA/EMBRAPA/DIVULGAÇÃO/JC

Produção de soja no Brasil é estimada em 179,1 milhões de toneladas neste ciclo